

Luiz Ruffato

---

**A REVISTA VERDE,  
DE CATAGUASES**

Contribuição à história do Modernismo

**autêntica**

19	<b>Por que Cataguases?</b>
29	<b>O café e o algodão</b>
45	<b>1922</b>
57	<b>Antes da <i>Verde</i></b>
71	<b>O cinema e a literatura</b>
83	<b>O surgimento da <i>Verde</i></b>
103	<b>Nacionalismo e liberdade de expressão</b>
121	<b>A morte da <i>Verde</i>, e depois</b>
139	<b>Anexo A</b> Breve biobibliografia do grupo Verde
161	<b>Anexo B</b> Manifesto do grupo Verde de Cataguases
169	<b>Anexo C</b> Sumário dos seis números da revista <i>Verde</i>
184	<b>Referências</b>

## Homenagem aos homens que agem

Tarsila não pinta mais  
Com verde Paris  
Pinta com Verde  
Cataguases

Os Andrades  
Não escrevem mais  
Com terra roxa

NÃO!  
Escrevem  
Com tinta Verde  
Cataguases

Brecheret  
Não esculpe mais  
Com plastilina  
Modela o Brasil  
Com barro Verde  
Cataguases

Villa-Lobos  
Não compõe mais  
Com dissonâncias  
De estravínsqui  
NUNCA!  
Ele é a mina Verde  
Cataguases

Todos nós  
Somos rapazes  
Muito capazes  
De ir ver de  
Forde Verde  
Os ases  
De Cataguases<sup>1</sup>

Marioswald de Andrade

---

<sup>1</sup> Os “ases de Cataguases” chegaram a acreditar que receberiam a visita de Oswald de Andrade. Para desfazer o boato, em carta a Rosário Fusco, datada de 19 de dezembro de 1927, Carlos Drummond de Andrade explica: “Vou lhe contar o caso do Oswald. Ele me mandou um telegrama assim: ‘Sinal apito talvez faça geração correr mais depressa. Peço transmitir gratidão Cataguases e informar se há hotel lá’. Respondi imediatamente dizendo que o hotel tal (o nome não me lembro: foi um amigo que me indicou) de Cataguases era o melhor do mundo. Isso foi em outubro. Até hoje o Oswald não apareceu aí? Então não aparece mais” (*apud* MENEZES, Ana Lúcia Guimarães Richa Lourega de. *Amizade “carteadeira”: o diálogo epistolar de Mário de Andrade com o Grupo Verde de Cataguases*. 2013. Tese (Doutorado em Literatura) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013, p. 374).

**POR QUE CATAGUASES?**

No dia 3 de março de 1926, alguns espantados habitantes de Cataguases assistiram, nas dependências do Teatro Recreio, à histórica exibição de um dos primeiros longas-metragens brasileiros, *Na primavera da vida*, de Humberto Mauro e Pedro Comello. O fato, de tão inusitado, despertou imediatos entusiasmo e interesse da nascente indústria cinematográfica sediada no Rio de Janeiro. Em 1927, *Tesouro perdido*, início da trajetória individual de Humberto Mauro, conquistou o título de melhor filme nacional daquele ano. Também em 1927, Cataguases conheceu outra ousada iniciativa, a fundação de uma revista literária, intitulada *Verde*, que encampava as propostas estéticas vanguardistas do grupo paulista que promoveu a Semana de Arte Moderna de 1922.

O chamado Ciclo Cinematográfico de Cataguases conteria ainda com outros dois longas-metragens, *Brasa dormida* e *Sangue mineiro*, antes de Humberto Mauro se mudar, em 1930, para a então capital da República, onde desenvolveria carreira de sucesso – *Ganga bruta*, de 1933, é sempre citado entre os 20 melhores filmes brasileiros de todos os tempos. No total, foram 11 longas-metragens, mais de 100 curtas-metragens, documentários e semidocumentários, além

da participação em produções de outros diretores como fotógrafo, argumentista, roteirista e ator. A extensa batalha de Humberto Mauro pelo cinema nacional encontra-se ricamente documentada, e seu pioneirismo, destacado, de maneira inquestionável, por pesquisadores e estudiosos do Brasil e do exterior.

O mesmo não ocorre em relação à *Verde*. Empreendimento relevante na divulgação e consolidação do modernismo, a revista, até hoje, não teve sua importância devidamente assimilada, e exígua é a bibliografia a respeito. Editada, com interrupções, entre 1927 e 1929, *Verde* merece apenas referências ligeiras nos manuais de história da literatura, apesar de, à época, ter sido prestigiada e louvada pelos maiores nomes do movimento. Em 1932, Mário de Andrade, em balanço comparativo entre *Verde* e *A Revista*, de Belo Horizonte, acena com um saldo bastante positivo para o periódico de Cataguases:

Os dois grupos mineiros, o de Belo Horizonte e o de Cataguases, se distinguem enormemente como psicologia coletiva. O de Cataguases, certamente não pôde apresentar figuras de valor pessoal tão notável como Carlos Drummond de Andrade na poesia e João Alphonsus na prosa. Porém teve uma realidade muito mais brilhante, e principalmente uma ação muito mais interestaduada e fecunda. No fundo, os artistas de Belo Horizonte eram muito mais capitalistas do que poderiam supor. E de fato o grupo se dissolveu no individualismo, e teve apenas a função burguesa de nos apresentar pelo menos dois escritores de grande valor. O grupo de Cataguases não produziu quem se compare com esses, mas com a revista *Verde* conseguiu a um tempo centralizar e arregimentar o movimento moderno no Brasil, coisa que a *Revista* de

Belo Horizonte não conseguira. [...] A *Verde* chamava às armas, ao passo que a *Revista* nomeava generais.<sup>2</sup>

Francisco Inácio Peixoto, um dos principais integrantes do grupo Verde, conta que, em encontro durante o I Congresso Brasileiro de Escritores, em São Paulo, em janeiro de 1945,<sup>3</sup> Oswald de Andrade insistiu com ele sobre a importância de Cataguases para o grupo paulista:

Me causou uma surpresa danada quando o Oswald [de Andrade] – que eu julgava inacessível – me fez essa revelação do bem que nós tínhamos feito à turma de São Paulo com a nossa adesão aqui. Eu ainda perguntei: – Você está brincando, Oswald. – Não. Estou falando sério. Você não calcula o que representou para nós esse movimento de Cataguases. E eu passei a acreditar.<sup>4</sup>

Também Mário de Andrade destacou a relevância do movimento Verde:

Existe influência do tal escritor paulista sobre os moços de Cataguases como existe influência dos moços de Cataguases sobre esse escritor paulista. Maior do que imaginam,

---

<sup>2</sup> ANDRADE, Mário de. Cataguases. In: *Táxi e crônicas no Diário Nacional*. Estabelecimento de texto, introdução e notas de Telê Porto Ancona Lopez. São Paulo: Livraria Duas Cidades; Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976. p. 550.

<sup>3</sup> ROMANELLI, Kátia Bueno. *A Revista Verde: contribuição para o estudo do modernismo brasileiro*. 1981. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981. p. 197-198.

<sup>4</sup> PEIXOTO, Francisco Inácio. Vivo em Cataguases, fora de Cataguases. *Totem*, Cataguases, 5 abr. 1979. [s.p.].

muito maior. E mais elevada principalmente, não se resumindo a uma simples e desimportante aceitação de cacoes gramaticais. Essa influência recíproca foi a bonita das amizades sinceras, carteadeiras, cheias de sinceridade, até brutas, certas feitas. Foi isso que o mundo pôde ver e não gozou.

Porém o que o mundo não viu e podia ver é que também o escritor paulista andou muito estudando os criadores de *Verde*. Catou neles os boleos sintáticos e as vozes populares que essa rapaziada foi a primeira a registrar, e quando a ocasião chegou, andou tudo empregando nos escritos dele.<sup>5</sup>

No entanto, as tentativas de análise da revista *Verde* esbarram sempre em um lugar-comum: Cataguases é um “fenômeno inexplicável”, e esse argumento, repetido à exaustão, descerra um véu sobre o assunto. Pouco a pouco, a *Verde* tornou-se uma espécie de exotismo literário.

Já em 1929, em artigo publicado em *O Jornal*, do Rio de Janeiro, Tristão de Athayde se perguntava, pasmo: “Por que enredos da Providência Divina foi nascer à beira de um riacho chamado Meia-Pataca [...] um grupo de poetas interessantes que hão de deixar uma certa marca no momento poético que estamos vivendo?”<sup>6</sup>

Os próprios membros do grupo Verde contribuíram para elevar o fato à categoria do incognoscível, como Francisco Inácio Peixoto, respondendo questionário de José Afrânio Moreira Duarte: “Cataguases sempre foi, e agora

---

<sup>5</sup> ANDRADE, Mário de. Influências. In: *Táxi e crônicas no Diário Nacional*, p. 81

<sup>6</sup> ATHAYDE, Tristão de. Provincialismo poético. *O Jornal*, Rio de Janeiro, p. 4, 10 fev. 1929.



mais do que nunca, um equívoco”;<sup>7</sup> ou Henrique de Resende,<sup>8</sup> em entrevista a Walmir Ayala: “*Verde* foi um milagre. E os milagres não se explicam!”;<sup>9</sup> ou, ainda, Rosário Fusco, em entrevista a *O Pasquim*: “A *Verde* é folclore e os seus representantes, um episódico (embora pra Cataguases, lisonjeiro mas não identificado) equívoco”.<sup>10</sup>

Para tornar tudo ainda mais confuso, em depoimentos eles minimizaram a importância socioeconômica da cidade e amplificaram o significado de suas próprias atividades – tornando assim, por contraste, a ideia de “fenômeno” ainda mais verossímil.

Guilhermino César, por exemplo, na abertura do Festival de Cinema de Gramado (RS), em 22 de fevereiro de 1978, afirma:

Imaginem um aglomerado urbano cortado por um rio de 80, 100 metros de largura, com a ponte metálica fabricada pelos ingleses, duas praças com dois nomes ilustres que nós chamávamos “a praça de cima” e “a praça de baixo”, para simplificar as coisas, e umas cinco ruelas.

Eis Cataguases. Habitantes na década de 20/30, a vaidade local dizia 5.000 – mas as estatísticas diziam 3.500

---

<sup>7</sup> DUARTE, José Afrânio Moreira. *Palavra puxa palavra*. São Paulo: Editora do Escritor, 1982. p. 62.

<sup>8</sup> Ao longo da vida, Henrique de Resende se manteve indeciso entre usar como prenome, para assinar suas obras, Henrique ou Enrique. Para não causar confusão, ao longo deste ensaio usarei apenas a forma Henrique de Resende.

<sup>9</sup> AYALA, Walmir. Henrique de Resende: um eco da semana de 22. *Revista Cultura*, Brasília, ano 2, n. 5, jan-mar. 1972. p. 94.

<sup>10</sup> WERNECK, Ronaldo; BRANCO, Joaquim. Rosário Fusco: “O escritor brasileiro é um supercamelô”. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 351, p. 12, 19-26 mar. 1977.